

Meu amigo Pitt: a relação afetiva entre colonizador e colonizado em *Diaruí*, de Antônio Cândido da Silva

Leonardo Júlio Ardaia¹

Resumo

As reflexões que se seguem objetivam analisar o romance *Diaruí*, do escritor e pesquisador amazônida Antônio Cândido da Silva, através da relação estabelecida entre as personagens do médico americano Doutor Lovelace e do indígena caripuna, que nomeia o romance, durante o enredo da narrativa. Essas personagens, tratadas sempre como representações ficcionais, servem de ponto de partida que permite um olhar sobre as relações que se estabelecem, no contexto do encontro colonialista, entre duas pessoas de diferentes culturas, mas também como essa relação – desenvolvida em uma oscilação entre violência e afeto – permite o estabelecimento da dominação e a destruição cultural e colonialista. Nesse intuito, utiliza-se como base o pensamento pós-colonial, principalmente os estudos de Aimé Césaire, em *Discurso sobre o colonialismo* (2010); de Edward Said, em *Cultura e Imperialismo* (2011); de Frantz Fanon, em *Os condenados da terra* (1968); de Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998); e dos pesquisadores Miguel Nenevé e Márcia Letícia Gomes, sempre em congruência com o pensamento de Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (2006), que nos permite analisar a obra literária, com o debate histórico elencado por Peter Burke, em *A escrita de história* (1992), traçando os paralelos entre literatura e história que a obra literária permite.

Palavras-chave: *Diaruí*; cultura; pós-colonial; colonialismo.

¹ Mestrando do PPGL da UNIR.

My friend Pitt: the affective relationship between colonizer and colonized in *Diaruí*, by Antônio Cândido da Silva

Abstract

The following reflections aim to analyze the novel *Diaruí*, by the Amazonian writer and researcher Antônio Cândido da Silva, through the relationship established between the characters of the American physician Doctor Lovelace and the indigenous caripuna, who names the novel, during the narrative plot. These characters, always treated as fictional representations, serve as a starting point that allows a look at the relationships that are established, in the context of the colonialist encounter, between two people from different cultures, but also as this relationship – developed in an oscillation between violence and affection – allows the establishment of domination and cultural and colonialist destruction. To this end, postcolonial thinking is used as a basis, especially the studies of Aimé Césaire, in *Discourse on Colonialism* (2010); Edward Said, in *Culture and Imperialism* (2011); of Frantz Fanon, in *The Condemned of the Earth* (1968); of Homi Bhabha, in *The local of Culture* (1998); and researchers Miguel Nenevé and Márcia Letícia Gomes, always in congruence with the thought of Antonio Candido, in *Literature and Society* (2006), which allows us to analyze the literary work, with the historical debate listed by Peter Burke, in *The writing of history* (1992), drawing the parallels between literature and history that literary work allows.

Keywords: *Diaruí*; culture; post-colonial; colonialism.

1 Introdução

As relações entre Literatura e História, Cultura e Sociedade, estão sempre presentes nas obras literárias à medida que a Literatura, como arte, “é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 2006, p. 62). Dessa forma, o texto literário deve ser compreendido como uma representação, existindo de forma autônoma em relação à realidade histórica e social, ao mesmo tempo em que sua existência é, primeiramente, devedora dessa realidade.

Sendo assim, analisa-se a obra *Diaruí*, do amazonista Antônio Cândido da Silva, como a representação de um contexto histórico, social e cultural transposto pela visão do autor através dessa *estilização formal*, como assevera Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*, não cabendo julgamento acerca de suposta veracidade do que é narrado no romance e sua correspondência, ou não, com a História, porque trata-se de obra literária e ficcional, ou seja, tudo que a compõe (personagens, temática, espaço, tempo e elementos ideológicos) faz parte desse universo ilusório.

Contudo, o ponto de partida da transposição não se apaga, permanece sob o texto – como um palimpsesto –, o que torna a suposta linha fronteira entre Literatura e História bastante tênue, “quase imperceptível”, como afirma Márcia Gomes, quando diz que “se torna uma tarefa complexa diferenciar o que seja história e o que seja literatura...” (GOMES, 2012, p. 2).

Essa conexão, muitas vezes, é utilizada consciente ou inconscientemente para defender determinados paradigmas coloniais, a tal ponto que Aimé Césaire chega a igualar historiadores e romancistas quando critica efusivamente o advento da colonização, afirmando em seu *Discurso sobre o colonialismo* que:

Dos historiadores ou romancistas da civilização (é tudo o mesmo), não deste ou daquele, de todos ou quase, a sua falsa objectividade, o seu chauvinismo, o seu racismo sonso, a sua viciosa veemência na negação de todo o mérito às raças não brancas, singularmente às raças melânicas, a sua monomania de monopolizar toda a glória em proveito da sua (CESAIRE, 1978, p. 41).

Em sua crítica, Césaire elucida o papel que a História e a Literatura possuem na empresa colonial, o processo de colonização posto a termo pelas nações europeias no início do século XV, e que se desdobrou nas políticas imperialistas.

Essas políticas promoviam (e ainda promovem) uma ordem extremamente violenta, utilizando, para tanto, inúmeros recursos para subjugar o não-europeu, entre eles a Literatura e, mais genericamente, a narrativa como ferramentas de colonização, invalidando a cultura desses povos e desumanizando suas existências, prevalecendo única e exclusivamente a cultura dos colonizadores. Como assevera Edward Said ao afirmar que “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos” (SAID, 2011, p. 5). Assim, é através do papel que a Literatura e as narrativas desempenham na formação cultural que o poder colonial apaga as narrativas dos povos colonizados e, em seu lugar, insere a narrativa colonial.

Dessa maneira, apesar da obra literária tratar-se apenas de uma representação do real, mesmo quando se utiliza de enredos ou de passagens históricas, como a obra em questão, ela possui um papel fundamental no modo como representa esse real dentro da ficção. É nesse sentido que o pesquisador Miguel Nenevé também ressalta que

“tanto a ficção quanto a história podem divulgar ou omitir determinados fatos, pensamentos, povos” (NENEVÉ, 2014).

É exatamente nesse sentido que o romance *Diaruí* propõe uma narrativa diferente, um novo protagonismo, uma representação do indígena no contexto histórico rondoniense que, em geral, foi apenas contado a partir da visão do colonizador.

Antônio Cândido da Silva, através de seu enredo, utiliza um narrador onisciente que, a partir do uso da terceira pessoa, nos narra a história de um jovem indígena, utilizando sua câmera, usando a concepção de Beth Brait (1985), para nos mostrar o ponto de vista da personagem, seus pensamentos e seus sentimentos, permitindo-nos um contato com sua visão, suas crenças, suas sensações e seus anseios em um contexto de extremas mudanças para sua comunidade. Bem como, a partir dessa visão, nos apresenta a relação deste com o estrangeiro que invade suas terras.

É, mais precisamente, essa relação – representada pelas personagens Diaruí, que dá nome ao romance, e Doutor Lovelace – que analisaremos a obra em diálogo com o pensamento pós-colonial.

2 Elementos da narrativa na composição da ficção

Antônio Cândido da Silva nos apresenta, em *Diaruí*, o contato entre os indígenas Karipuna e os *brancos* durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, através da Companhia, representação da A Madeira-Mamoré Railway Company, no início do século XX, na região do rio Jacy-Paraná e da recém-inaugurada cidade de Porto Velho, no rio Madeira.

A construção da ferrovia provocou um grande fluxo migratório para a região, estrangeiros e nacionais se dirigiram ao rio Madeira para explorar as riquezas locais, principalmente a seringa, em busca de fama

e fortuna. Este é o espaço em que a obra se passa, um local geograficamente definido e uma representação do real.

Contudo, Diaruí desenvolve um novo olhar, a partir do olhar indígena Karipuna. O romance busca retratar o encontro entre colonizador e colonizado através desse novo olhar, através da perspectiva do indígena.

No início do romance, somos apresentados ao tempo em que a narrativa se passa, precisamente, com a chegada dos estrangeiros à região, no fim do século XIX.

Naquela manhã de dezembro, em frente à cachoeira do Teotônio, no rio Madeira, uma equipe de engenheiros e trabalhadores preparavam-se para viajar a fim de montar acampamento em São Patrício, local batizado pela equipe de Neville Craig em 1878 quando, aí também, próximo ao rio Jaci Paraná, montou acampamento. (DA SILVA, 2010, p. 7).

Essa equipe de homens da Companhia, composta majoritariamente por estrangeiros, embrenha-se na mata enfrentando toda sorte de intempéries tropicais, como doenças, animais selvagens e os indígenas. Ao final de sua excursão, com o acampamento de obras e os preparos devidamente realizados, chega ali, especialmente enviado, a primeira das personagens-chave dessa análise, o Doutor Lovelace.

Doutor Lovelace é uma personagem ativa, recorrente durante a narrativa, e quem detém o poder colonial inserido naquele contexto. A partir de suas ações, ele irá moldar o destino e até mesmo a personalidade da personagem principal.

Seu papel é de mandatário, de líder entre os homens da Companhia. Sua primeira ação no romance é dar novas ordens e organizar os acampamentos.

No final daquela tarde o Doutor Lovelace chegou ao acampamento e, com a noite, reuniu-se ao pessoal no refeitório, para explicar que a partir daquele dia a Companhia forneceria medicamento tanto ao seu pessoal quanto aos tarefeiros, mediante requisição dos responsáveis, que seria deslocado um médico para cada acampamento e que a entrega dos remédios seria feita no local de trabalho por um funcionário da Companhia. A ingestão do quinino seria obrigatória às refeições e o cumprimento dessa recomendação ficaria a cargo dos chefes de acampamento e das quadrilhas. (DA SILVA, 2010, p. 24).

À medida que o tempo passa, a Companhia continua sua empreitada, invadindo cada vez mais profundamente a floresta, atravessando os territórios indígenas dos povos com quem ali conviviam. Os avistamentos tornam-se frequentes, e os trabalhadores temem os indígenas. O encontro não tarda a acontecer, contudo, a maneira que ocorre é diferente.

Os trabalhadores da Companhia não são atacados pelos indígenas, pelo menos ali naquele acampamento. Os trabalhadores encontram um Karipuna machucado e abandonado por sua tribo, e o encontro com Diaruí é pacífico.

Naquela manhã, ao entrarem no corte que haviam feito, em direção à picada que os levaria ao novo acampamento, a surpresa foi geral. Ao lado de uma cuia com farinha e uma palma de bananas, um índio Karipuna ardia em febre, com a perna direita necrosada pela picada de uma serpente. Seu nome: Diaruí, aparentando ter 20 anos. (DA SILVA, 2010, p. 25).

Diaruí é a personagem principal da narrativa. É sobre ele que fala o narrador e, a partir dele, que o enredo é narrado. Suas ações moldarão não somente o seu desenvolvimento pelo enredo, como também afetarão todo o contexto do espaço em que está inserido, permitindo que o enredo avance no tempo e no espaço.

Quando encontrado, Diaruí é levado até o Complexo Hospitalar da Candelária, onde é recebido pelo Doutor Lovelace, que o submete a uma cirurgia de amputação da perna direita, necrosada pela picada de uma serpente.

Nesse primeiro encontro entre as personagens, Doutor Lovelace salva a vida de Diaruí através da medicina, uma vez que seu povo fora incapaz de ajudá-lo, porque, para eles, “os doentes ficavam sob a dominação de algum espírito que também tomava conta de quem se aproximasse do índio doente” (DA SILVA, 2010, p. 26).

Contudo, apesar do ato inicialmente nobre e heroico, Doutor Lovelace rebatiza o indígena, uma vez que era incapaz de compreender a língua de Diaruí (DA SILVA, 2010, p. 27), denominando-o, portanto, Pitt, em um ato de poder, arrancando-lhe sua identidade e imprimindo-lhe uma nova que serve somente aos seus interesses, que o permita reconhecer o indígena, sem realmente conhecê-lo. A partir de então, desenvolve-se a primeira parte do romance, que nos mostra a adaptação de Diaruí a sua nova vida e sua nova identidade, bem como o desenvolvimento da relação afetiva entre ele e seu salvador, Doutor Lovelace.

Logo que se dá conta de sua nova condição, Diaruí vê-se confrontado com sua antiga existência, já que “agora ele não podia mais ser um guerreiro, um caçador” (DA SILVA, 2010, p. 27). Sua nova existência o assusta. Ser guerreiro e caçador fora tudo que ele aprendera durante toda a sua vida, era o único modo de viver que ele conhecia, para ele “teria sido melhor morrer sozinho e abandonado no mato, não sabia porque o tinham levado para aquele lugar onde os brancos trabalhavam” (DA SILVA, 2010, p. 28).

É nesse estado que Diaruí tem contato, pela primeira vez, com Thifany, a enfermeira responsável por ensinar a ele os devidos modos. Tratando-o por Pitt, é ela quem vai “através de gestos, mostrando a Pitt o que ele deveria fazer” (DA SILVA, 2010, p. 29). Dessa maneira,

Diaruí passa a comer a comida do hospital, a comida dos brancos, ainda que sentindo grande falta da culinária de seu povo, aprendendo a comer e a tomar suas medicações.

Diaruí agora também é Pitt, nome pelo qual passa a ser chamado tanto pelas personagens quanto pelo narrador, demonstrando que agora essa é sua personalidade, mesmo que ainda não completamente, já que Pitt não esqueceu sua origem, pelo contrário, questiona-se ininterruptamente sobre sua antiga vida e sua nova existência, sentindo-se triste e sozinho. Desse modo, passam-se três meses, em que Diaruí aprende e apreende novos costumes e saberes, enquanto recupera-se da cirurgia de amputação. Durante esse tempo, em nenhum momento esqueceu de seu povo, de sua comunidade e dos amigos de quem estava separado, contudo, por receber alimento e cuidados, Diaruí chega a uma nova conclusão:

Pitt, nesse espaço de tempo, por não ter o que fazer senão pensar, fizera um balanço da sua vida e uma das conclusões a que chegou foi a de que o homem branco não era o inimigo que todos na tribo acreditavam que fosse. (DA SILVA, 2010, p. 37).

Em seguida, Doutor Lovelace, após salvar a vida do protagonista, o presenteia com duas muletas de madeira, que o permitirão caminhar “sem ter que se agarrar nas camas...” (DA SILVA, 2010, p. 39), devolvendo-lhe um pouco da liberdade.

A partir de então, Diaruí torna-se uma figura inspiradora, sua desgraça e seu infortúnio servem de exemplo para os outros doentes. Ele conseguia “transmitir fé e coragem aos doentes quando o viam com a perna cortada, sorrindo e se empenhando para andar e ir em frente até poder voltar para sua aldeia” (DA SILVA, 2010, p. 40).

Através da medicina que o salvou da morte, e do presente do Doutor Lovelace que lhe restituiu a liberdade, Diaruí retoma

plenamente seu caráter de guerreiro, contudo, profundamente modificado, agora ele acreditava que “nada era impossível para ele, afinal, conseguira até fazer com que os brancos se tornassem seus amigos” (DA SILVA, 2010, p. 40).

Agora, além de retomar sua vida de guerreiro e caçador, voltar para sua comunidade, reencontrar os amigos e o amor de sua vida, Diaruí possui um novo objetivo, tão forte quanto os anteriores:

Agora ele precisava voltar à aldeia para dizer aos outros que o homem branco não queria acabar com a sua gente como eles pensavam, só queria construir o caminho de ferro para carregar as suas coisas pra lá e pra cá. Depois era até vantajoso ser amigo dos brancos porque eles tinham remédio para espantar espírito ruim quando ele dominasse alguém da tribo. (DA SILVA, 2010, p. 40).

Doutor Lovelace acompanha toda a recuperação e a integração do indígena. Ele reforça sua adaptação nessa nova existência. O romance atravessa uma nova passagem de tempo na qual Diaruí aprende o vocabulário do médico. Entre as palavras, uma que recebe destaque é *presente*. Diaruí a reconhece e, segundo o narrador, “como bom Karipuna, gostava de recebê-los” (DA SILVA, 2010, p. 41). Ele a reconhece quando o médico, Doutor Lovelace, retorna mais uma vez com um presente. Dessa vez, o médico aumenta a liberdade do indígena, o presenteando com uma prótese mecânica: “Doutor Lovelace entregou-lhe o embrulho cujo papel foi rasgado nervosamente pelo índio e eis que surge uma perna mecânica que o médico mandara vir dos Estados Unidos” (DA SILVA, 2010, p. 41).

Com sua liberdade restituída, Diaruí começa a movimentar-se pelas redondezas do Hospital da Candelária, observando a chegada de novos trabalhadores aos montes e o elevado número de cruzeiros que crescia rapidamente no cemitério ao lado do hospital. Ele questiona-se “por que

tantos homens brancos morrem só para fazerem caminho de ferro? Será se vai valer a pena?” (DA SILVA, 2010, p. 42).

Contudo, apesar da ininterrupta chegada de novos trabalhadores, do número e do sofrimento dos doentes hospitalizados junto com ele, e do rápido aumento no número de túmulos no cemitério, Diaruí rememora o abandono que sofreu de sua tribo. Mesmo justificado, sabendo ele próprio que, “aliás, ele não podia culpar ninguém. Essa era a lei da aldeia” (DA SILVA, 2010, p. 42), Diaruí chega a uma importante decisão:

Pitt não era contra os costumes de sua tribo, mas começava a entender que o homem branco dava mais valor a outro homem branco. Andavam com o doente o tempo que fosse preciso para tratá-lo no hospital, às vezes morria no caminho, mesmo assim ele vinha para ser enterrado no cemitério. (DA SILVA, 2010, p. 43).

Diaruí reconhecia que “era estranho o homem branco” (DA SILVA, 2010, p. 43). Entretanto, o contato com aqueles conhecimentos tão diferentes do que sabia e o modo como fora tratado “tinham um lado bom que o deixava fascinado” (DA SILVA, 2010, p. 43).

Essa fascinação, após dois anos de convívio entre os brancos, afeta-o profundamente. Diaruí, tornando-se ainda mais Pitt, passa a admirar as características como “a inteligência que usava para fazer as coisas, sempre criando, inovando, melhorando” (DA SILVA, 2010, p. 44). O telefone, por exemplo, o espanta (DA SILVA, 2010, p. 44). Agora, essa profunda admiração, causava-lhe novos questionamentos:

Pitt perguntava a si mesmo – Porque lá na aldeia tudo continuava como no tempo dos antepassados? É, lá usavam o mesmo arco, a mesma flecha, faziam a mesma farinha, preparavam a comida do mesmo jeito, como se tudo isso não pudesse mudar. (DA SILVA, 2010, p. 44).

Ao final desses dois anos, a ferrovia alcançou as terras em que os Karipuna residiam, no rio Jacy-Paraná (DA SILVA, 2010). Então, uma surpresa, o derradeiro presente de Doutor Lovelace para Diaruí, o ato que sedimenta a suposta relação de amizade que o médico americano tanto se empenhara em cultivar, a liberdade do indígena, o retorno a sua terra. Que, contudo, mais a frente, demonstra-se apenas uma enganação, um *deceive* americano.

Doutor Lovelace declara-se profundamente feliz, pelo indígena e por ele próprio, e satisfeito ao ver Pitt curado e feliz (DA SILVA, 2010). Diaruí, como esperado, retribui o agradecimento e oferece o que possuía de mais caro, sua estima e completa disposição: “Eu não tenho como pagar Doutor Velecê. Mas eu posso dizer obrigado e Doutor pode contar com Pitt, é só chamar” (DA SILVA, 2010, p. 46). Agora, Diaruí estava em eterna dívida com o Doutor Lovelace, dívida essa que o médico estava satisfeito por ser credor.

A dupla então embarca na viagem até a cachoeira Três Irmãos, terra do povo Karipuna. Diaruí sente-se profundamente triste pela destruição causada pelo branco, a derrubada da floresta o incomoda, contudo, ele reconhece o valor dos homens que sacrificaram suas vidas por aquele feito.

No destino, Diaruí encontra-se novamente com seu povo, seus amigos o esperam na estação. Ura-í, Baté, Aron-gá, Uca e Daué, de quem ele sentia tanta saudade, o esperam ansiosos. No entanto, Daué, o grande amor de sua vida, está com um filho nos braços, o que o deixa profundamente triste.

Vendo a tristeza em Diaruí, Doutor Lovelace faz questão de reforçar a relação entre eles, oferecendo seu apoio, e ainda oferece um prognóstico, dizendo que “se a volta para a sua gente [os Karipuna] não der certo, pode aparecer no hospital que eu sempre estou precisando de gente para encher as cápsulas de quinino” (DA SILVA, 2010, p. 49).

Diaruí agradece o apoio e apresenta o médico aos seus velhos amigos, apresentando-o como “grande amigo”. O médico se despede e parte. Diaruí agora está novamente entre o seu povo, mas ele está diferente, e essas diferenças afetarão o novo convívio entre os Karipuna.

3 A amizade como processo colonizador

Através do romance, podemos averiguar que a relação entre Doutor Lovelace e Diaruí foi construída com um propósito bem definido em mente, um intuito claro, a vontade colonizadora do médico estrangeiro.

Retoma-se, momentaneamente, o romance, de onde paramos. Diaruí, de volta ao seu povo, vê-se confrontado com sua nova existência, a qual seus antigos amigos e parentes não possuem conhecimento. Essa nova existência, até então exercida passivamente em meio aos brancos, agora é abraçada por Diaruí, que afirma, ativamente:

Pode sentar se você quiser, mas não acredito que tenhamos que conversar sobre alguma coisa, primeiro porque Diaruí morreu quando o espírito dominou seu corpo, Diaruí não existe mais, daqui para frente eu sou Pitt, um imprestável que tem uma perna que não é a dele e que por isso, vai viver sempre à custa dos outros. (DA SILVA, 2010, p. 50).

Apesar da profunda tristeza, justificada, de Diaruí, sua fala apresenta uma nova perspectiva sobre sua identidade. Ele agora reconhece-se como um híbrido, no sentido que lhe atribui Homi Bhabha, em *O local da cultura*, quando afirma:

Produzida através da estratégia da recusa, a *referência* da discriminação é sempre a um processo de cisão como condição de sujeição: uma discriminação entre a cultura-mãe e seus

bastardos, o eu e seus duplos, onde o traço do que é recusado não é reprimido, mas sim repetido como algo *diferente* – uma mutação, um híbrido (BHABHA, 1998, p. 162).

Para o pensador, o colonizador exerce sua autoridade colonial através da produção de diferenças, de *individações* e *efeitos de identidade*, pelos quais “as práticas discriminatórias podem mapear populações sujeitas que são pichadas com a marca visível e transparente do poder” (BHABHA, 1998).

Na segunda parte do romance de Antônio Cândido da Silva, esses efeitos podem ser observados sobre todo o povo Karipuna, quando o narrador nos apresenta o destino daquele povo após o fim de Diaruí, contudo, ainda dentro de nosso objeto de análise, podemos observar todos esses efeitos do poder colonial na própria figura do jovem Diaruí. Ele agora não é igual aos seus amigos e parentes, é um sujeito novo, portanto diferente. Suas características agora o distinguem dos outros Karipuna, ele é agora um indivíduo, um ser único, chamado Pitt.

Pitt ainda ama seus amigos e parentes Karipuna. Ele ainda gosta de viver entre eles e relacionar-se com eles, é até mesmo feliz fazendo-o, contudo, sua nova existência é clara tanto para os demais Karipuna quanto para os brancos que o veem. A empresa colonial estampou em sua identidade e em sua fisionomia suas marcas visíveis e transparentes de poder.

Diaruí, agora plenamente Pitt, passa a exercer o seu papel de híbrido dentro de seu povo. Ele convida seus amigos e os leva até o Hospital da Candelária, onde são recebidos com muita boa vontade e generosidade pelo Doutor Lovelace, um fato que impressiona os demais indígenas e os deixa confusos. Agora, eles “não sabiam mais em quem acreditar: se no que viram e na maneira como foram tratados [pelos brancos] ou nas histórias que os mais velhos afirmavam terem

acontecido e continuavam acontecendo, embora em menor escala” (DA SILVA, 2010, p. 60).

O contato com a outra cultura foi realizado de tal forma, ainda que supostamente afetiva, supostamente cândida e de boa vontade, que Diaruí agora adota o nome típico daquela cultura – Pitt –, questiona suas tradições, não reconhece mais o seu lugar em sua comunidade, sente-se constantemente um fardo, enxerga a outra cultura como superior, mais avançada, torna-se responsável pelo contato de outros Karipuna com aquela cultura, e, assim, vai traçando cada vez mais seu caminho de volta ao convívio com os brancos, ao Hospital da Candelária. Vejamos o que ocorre assim que ele tenta integrar-se novamente em seu antigo modo de vida, quando da primeira vez desde que retornara, quando participa dos trabalhos coletivos de sua comunidade:

Seguiu Ura-í e, na mata, em meio a alegria daquelas que trabalhava, Pitt ajudava podando os galhos de uma árvore já derrubada, quando, rapidamente, uma grande acariquara que estava sendo cortada veio em sua direção. Pitt tentou correr mais (*sic*) foi traído pela perna mecânica. Caiu, e a sua perna esquerda foi estraçalhada pelo peso da árvore que caiu sobre ela, não dando tempo para que Ura-í ou os outros pudessem fazer coisa alguma. (DA SILVA, 2010, p. 81).

Novamente desafortunado, Diaruí não tem outra saída a não ser retornar ao convívio com os brancos, portanto, retorna ao Hospital da Candelária pela segunda vez, dessa vez para sempre.

Podemos, desse modo, reconhecer a nova existência de Diaruí como uma existência afetada pelo poder colonial, uma existência colonizada. Existência moldada através do Doutor Lovelace, um representante da empreitada colonial, da Companhia, que através de suas múltiplas facetas, como a suposta contribuição científica da

medicina ou do progresso, mascara o processo dizimatório dos saberes e dos povos indígenas.

Primeiramente, devemos levar em consideração que a autoridade colonial é substancialmente violenta, como nos ensina Aimé Césaire e, do mesmo modo, Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, quando explica que:

...o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (FANON, 1968, p. 28).

Essa violência, como bem explica Fanon, é levada não só à casa, como a Companhia a fez levando a estrada de ferro até as terras Karipuna, mas também é levada “ao cérebro do colonizado”, papel desempenhado pela personagem do Doutor Lovelace.

Se considerarmos a dupla amputação a que Diaruí é submetido através do olhar que o Doutor Lovelace a apresenta, ou seja, como salvação de sua vida, verificamos então que o médico não exerceu sobre seu “grande amigo” uma violência física, contudo, não significa que não exercera uma violência psicológica e, principalmente, cultural. Mata-o como guerreiro e o estimula a renascer como um serviçal.

A cultura, como bem explica Edward Said em *Cultura e imperialismo*, está:

Longe de ser um plácido reino de refinamento apolíneo, a cultura pode até ser um campo de batalha onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si, deixando claro, por exemplo, que, dos estudantes americanos, franceses ou indianos ensinados a ler seus clássicos nacionais antes de lerem os outros, espera-se que amem e pertençam de maneira leal, e muitas vezes acrítica, às

suas nações e tradições, enquanto denigrem e combatem as demais. (SAID, 2011, Introdução).

Dessa forma, somos capazes de determinar a ação do médico como colonialista, através da qual torna-se colonizador do indígena Diaruí. Para tanto, a obra de Albert Memmi, *O retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*, nos demonstra que, mesmo com “boa vontade”, como o autor menciona, o colono cumpre seu papel colonialista.

Ao que indica a leitura do romance, Antônio Cândido da Silva não quis deixar quaisquer dúvidas acerca dessa relação. Durante boa parte da narrativa, o narrador parece nos apresentar apenas a construção de uma grande amizade. A afetividade entre o médico estrangeiro e o indígena parece uma afetividade real, um vínculo entre ambas as personagens, porém Doutor Lovelace possuía, desde o primeiro momento, um intuito muito claro, como a enfermeira Thifany explica aos leitores ao mesmo tempo que explica a Diaruí:

Pitt. - falou Thifany – eu tenho certeza de que o Doutor Lovelace vai querer que você fique aqui. Não se preocupe, nós pensamos diferente do seu povo e não abandonamos os nossos doentes. Você não tem ideia do quanto é importante para nós. Por sua causa a Companhia fez amizade com seu povo e nunca tivemos problemas ao atravessar a terra de vocês. Por isso Doutor Lovelace e nós lhe queremos muito bem e tratamos a todos do seu povo com muito carinho. (DA SILVA, 2010, p. 88).

As palavras são claras. É pela utilidade de Diaruí, pela capacidade de formar um elo pacífico entre os estrangeiros e os Karipuna que Diaruí é valorizado. Ele é importante porque é o mediador útil. Consequentemente, é querido porque é importante. Assim, através de Diaruí, a Companhia consegue adentrar em terras Karipuna “sem

problemas”. Graças à amizade entre Doutor Lovelace e Diaruí, a estrada de ferro é construída através da terra Karipuna.

Diaruí continua sua vida no Hospital da Candelária. Ainda que sem as duas pernas, finalmente encontra um novo propósito nessa sua nova existência, passa a trabalhar no hospital, principalmente enchendo as cápsulas de quinino que ajudavam os trabalhadores a vencerem a malária. Até que, ele próprio, morre vítima dessa enfermidade que ajudou a combater.

Evidentemente seu destino não é dividido com o Doutor Lovelace. Este sobrevive ao seu amigo, e garante que seu amigo receba a visita dos Karipuna em seu leito de morte, mas prepara sua despedida à sua maneira, visto que “não sabia, sequer, preparar o ritual da sua passagem para o mundo dos espíritos” (DA SILVA, 2010).

4 Considerações finais

Mesmo com a morte de Diaruí, o romance continua, seu enredo agora muda completamente. Os anos saltam e o novo local da narrativa que acompanhamos passa a ser um seringal. Ali, novas relações entre autoridade colonial e colonizados se desenvolvem, o jogo de poder aparece mais evidente, propriamente violento.

Como nosso intuito não foi analisar a segunda parte do romance, não trataremos dela, tão diferente da primeira que, como foi possível perceber, pode ser analisada inteiramente à parte. O que não significa que essa parte constitutiva do livro possua menor valor, sendo possível extrair dali conhecimentos e saberes, como fizeram Máгда Xisto dos Reis, em sua dissertação *Literatura e História nas veias do romance Diaruí*, e Aline de Gregório Alves Borges, em seu artigo *Colonização e Descolonização em Diaruí: um olhar sob a perspectiva do indígena*,

que trabalharam a contribuição de Antônio Cândido da Silva para nossa literatura rondoniense.

Longe de esgotar os temas relevantes e os assuntos existentes dentro do romance, buscamos com este trabalho lançar luz sobre o modo como a autoridade colonial, a empresa colonial, enfim, a colonização em todas as suas facetas, é capaz de suprimir, modificar, constranger e extinguir outras culturas e povos, como fez a “verdadeira” e, até mesmo, comovente amizade entre Doutor Lovelace e Diaruí.

Esse contato, como bem explica Said em outro contexto, não ocorreu de maneira desprezível. Na verdade, afirma o filósofo palestino, em todo o contato dos europeus (e aqui estrangeiro) com os seus *outros* (aqui o indígena), “...a única ideia que quase não variou foi a de que existe um “nós” e um “eles”, cada qual muito bem definido, claro, intocavelmente autoevidente” (SAID, 2011).

Portanto, acreditamos que o contato entre as personagens é, durante todo o enredo do romance, um processo colonizador. Através do qual Diaruí perde cada vez mais sua identidade, tornando-se Pitt, e morrendo duas vezes para que a Companhia construísse, pacificamente, seu caminho de ferro.

Referências

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

DA SILVA, Antonio Cândido. *Diaruí*. Salto: Schoba, 2010.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GOMES, Márcia Letícia; NENEVÉ, Miguel. Joe Caripuna: uma voz do indígena em *Mad Maria* de Márcio Souza, *Guavira Letras*, n. 18, 2014.

GOMES, Márcia Letícia; NENEVÉ, Miguel. A descolonização em *Mad Maria* de Márcio Souza: o contra-discurso ao "progresso" na Amazônia, *Realis*, Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais, v. 1, n. 2, 2011.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.